

Prefacio

Este livro não poderia ser mais oportuno. Traz à luz um rico debate entre especialistas oriundos de diferentes setores no delicado momento de uma esperada transição da economia arcaica para economia verde. Mesmo com os sinais tão veemente dos efeitos do aquecimento global, sinto no meu dia a dia que o senso de urgência ainda é um fato concreto e tangível para poucos. Seja em que setor de atividade for.

O livro “Conversas com os mestres da sustentabilidade” trata do que, no século XXI, é a mais premente e delicada equação a ser resolvida no caminho, local e global, para o desenvolvimento sustentável: a falta de lideranças capacitadas e comprometidas com um futuro melhor para todos.

Por meio de uma conversa, como sugere o próprio título do livro, lideranças de setores-chaves - empresas, governo, sociedade civil, academia, diplomacia, além de escritores e ambientalistas - respondem a uma sequência lógica de perguntas em busca de soluções para os desafios e impasses mais profundos do nosso tempo.

Dos líderes incluídos nesse seleto grupo de pensadores, dois deles conheci pessoalmente em minha vida profissional. Tenho especial respeito por Ray Anderson que se tornou referência no World Business Council for Sustainable Development (WBCSD) por sua maneira inovadora de gerir o seu negócio. Também aprendi a admirar John Elkington, com quem tive oportunidade de debater temas relacionados à sustentabilidade em eventos protagonizados, no Brasil e no exterior, pelo Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), do qual fui presidente-executivo.

Os capítulos, um para cada entrevistado, seguem a mesma metodologia. Após a apresentação, os autores falam sobre suas carreiras profissionais, expressam suas visões sobre a conjuntura atual no contexto da sustentabilidade e finalizam com colocações no âmbito pessoal.

A abordagem do livro nos remete à globalização, fenômeno extremamente complexo tal a variedade de culturas, ecossistemas, estágios de desenvolvimento humano, expectativas, crenças religiosas e tantos outros aspectos. Há, no entanto, alguns pontos que, em nome do senso de urgência, precisam convergir o quanto antes para o alvo do desenvolvimento sustentável. Não obstante à diversidade citada anteriormente, a geração com poder de decisão para formular políticas públicas e empreender modelos de negócios tem a responsabilidade de deixar o legado da sobrevivência digna para seus próprios netos. A perspectiva do longo prazo é cada vez mais reduzida.

A crise financeira global que explodiu dos Estados Unidos em 2008 e se alastrou em pouco tempo por todos os continentes nos ensinou duas lições. Uma foi a confirmação do esgotamento do modelo de desenvolvimento tradicional, predador dos ecossistemas e socialmente injusto. Se houvesse mecanismos que estimulassem a transparência e restringissem as maquiagens de informações, não estaríamos testemunhando tamanho estrago, empurrando

milhões de famílias para o drama do desemprego e produzindo uma nova onda de xenofobia e intolerância. A segunda lição refere-se ao nível de conexão existentes em todas as economias do mundo. Em maior ou menor escala, nenhum país ficou imune ao vendaval. Do mesmo modo que o brusco corte do crédito contaminou a economia em todo planeta, a saída para vencer a própria crise financeira e os dramáticos desafios ambientais e sociais passará por uma necessária articulação de lideranças globais.

Para ilustrar o grau de degradação dos ecossistemas vale citar o resultado do estudo Avaliação Ecológica do Milênio (AEM), inventário encomendado pelo então secretário-geral da ONU, Kofi Annan, da qual eu participei. O estudo envolveu 1.360 especialistas de 95 países e esses dados foram revisados por outros 800 cientistas. Foram listados os 24 serviços ambientais considerados essenciais para a nossa vida, entre eles a água e o ar limpos, a regulação do clima e a produção de alimentos, fibras e energia. Desses 24 serviços ambientais vitais, 15 estão desaparecendo ou perdendo gradativamente suas funções. Revela-se, assim, que a capacidade do planeta de continuar a prover os recursos básicos está se esgotando, tanto para o setor privado, produtor de bens e serviços, quanto para a sociedade. A atividade pesqueira, por exemplo, no modelo atual se inviabiliza em 2040.

O mais urgente desafio ambiental é hoje, sem dúvida, a regulação do clima, já comprometido pelo processo do aquecimento do planeta. As tendências globais ainda são, por um lado, o contínuo crescimento da taxa de emissão dos gases de efeito estufa, e, por outro, uma irresponsabilidade generalizada em não incorporar o senso de urgência. Há exceções que confirmam a afirmação.

O patamar de descontrole climático atingiu um estágio no qual não basta a mitigação das emissões de gases de efeito estufa. O acirramento de eventos extremos, mesmo no melhor dos cenários, indica a necessidade de adaptação para enfrentá-los e evitar tragédias maiores.

O valor estabelecido pelo Protocolo de Kyoto para redução dessas emissões aos padrões de 1990 está muito distante das bases científicas. Fixado por critério político, o percentual de redução de 5% como tem sido amplamente divulgado é retórico. Os organismos da ONU constatarem que em 2012 deveríamos imprimir uma redução de 60%, e não 5%, da carga de emissão de 1990.

Estudos científicos não deixam dúvidas sobre os impactos nas dimensões ambiental, social e econômica. A destruição de ecossistemas já está provocando a morte de mais de 300 mil pessoas por ano no mundo. Não faz muito tempo a Universidade da ONU revelou que o movimento migratório dos chamados refugiados climáticos já começou e pode atingir uma escala sem precedentes na História. As previsões são sombrias: o número de refugiados seria de 200 milhões até 2050 e pode chegar a 700 milhões no pior dos cenários se nada for feito.

O mundo globalizado está também muito distante do que seria aceitável em relação à distribuição de renda e inclusão no mercado. A falta de acesso à

energia por significativa parcela da população mundial reflete o grau de desigualdade. Estima-se, por exemplo, que o número de pessoas usando fontes tradicionais de biomassa para cozinhar, com lenha e outras matérias orgânicas, aumentará de 2,5 bilhões de hoje para 2,7 bilhões em 2030 caso não haja uma mudança de políticas. O número de pessoas que morrem anualmente por intoxicação pela fumaça produzida pela queima da biomassa utilizada como energia chega a 1,3 milhão

Uma pesquisa do Instituto Gallup, de âmbito internacional, destaca a erradicação da pobreza como uma das questões mais prementes. Também mereceram destaque outros itens que estão diretamente relacionados ao combate à miséria: crescimento da economia e redução das desigualdades, via aproximação, entre nações ricas e pobres.

“Conversas com os mestres da sustentabilidade” nos leva a refletir sobre a demanda por líderes oriundos de diferentes setores que consigam conquistar corações e mentes para a causa da sustentabilidade. Depois de retirar o desenvolvimento sustentável do ciclo da elite, as lideranças terão capacidade de sintetizar um tema tão complexo e abrangente e apresentá-lo à sociedade como questão prioritária.

Para o setor privado (o qual represento), a sustentabilidade já demonstra valor, embora em escala muito reduzida, em atrair e motivar talentos, aumentar a competitividade e a eficiência e reduzir custos. Na atividade empresarial com visão de futuro – e só este grupo sobreviverá no longo prazo – há pontos interconectados que devem manter-se na agenda dos gestores: redução dos riscos, influência sobre novas opções de investimento, envolvendo todos os negócios, influência sobre inovações de produtos e serviços, estímulo à fidelização dos clientes e o fortalecimento da marca, fortalecimento da reputação e melhoria da imagem da empresa, estímulo do progresso social e da preservação ambiental e estabelecimento de boa relação com a mídia e com órgãos do governo.

Da relação entre esses pontos, o círculo virtuoso da transição no rumo da sustentabilidade começa e termina na capacidade de estabelecer o senso de urgência, passando em sequência por sete etapas: a formação de uma coalizão-líder dentro da empresa; a formulação da visão; a divulgação da nova visão; o empoderamento de outros atores para que ajam de acordo com a visão; o planejamento e a criação ganhos no curto prazo; a consolidação das melhorias e a produção de mudanças contínuas no longo prazo; e a institucionalização de novas abordagens.

Fernando Almeida

ex-Presidente-executivo do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS)

Autor fo livro: Os Desafios da Sustentabilidade: Uma ruptura urgente